

## O processo colaborativo na formação de dramaturgos

Rafael Luiz Marques Ary

Programa de Pós-Graduação em Artes – UNICAMP

Mestrando – Processos e Poéticas da Cena – Or. Prof. Dr. Mario Alberto de Santana

Bolsa FAPESP

Dramaturgo e Ator

O processo colaborativo é uma ética de criação teatral que impulsiona o coletivo para a concepção de uma obra plural e representativa. Para tanto, estimula ao máximo o potencial criativo de cada sujeito envolvido no processo de criação da obra teatral, respeitando suas funções artísticas específicas e, ao mesmo tempo, estimulando a permeabilidade criativa entre todos. O dramaturgo formado a partir de experiências em processos colaborativos amplia sua visão da cena, compreende mais organicamente sua função e todas as funções envolvidas. Luís Alberto de Abreu, Sérgio de Carvalho, Newton Moreno e Fernando Bonassi tiveram parte de sua formação em dramaturgia trabalhando em processo colaborativo e atualmente ajudam a delinear diretrizes que fomentam a formação de uma nova geração de dramaturgos.

Palavras-chave: Dramaturgia, Processo Colaborativo

O processo colaborativo, a partir da sua formalização na década de 1990, se tornou um modo de criar em teatro de extrema relevância e ocorrência em todo o Brasil. Diversos grupos, como o Teatro da Vertigem<sup>1</sup> e a Companhia do Latão<sup>2</sup>, fomentaram suas práticas a partir de coletivos em cooperação artística. Dessa maneira, a variedade de experiências realizadas, tendo como suporte valores de colaboração, fomentaram a formação de muitos artistas de teatro.

A repetição dessas experiências acaba por gerar um cabedal de conhecimento a respeito do evento teatral. Uma característica importante de grupos que trabalham em processo colaborativo, como os dois citados acima, por exemplo, é o destaque dado ao apuro teórico do tema abordado durante o desenvolvimento do trabalho. Essa junção de prática e teoria engendra um modo de proceder que possui um forte caráter pedagógico que reside na constituição dos valores éticos que sustentam o processo colaborativo. De forma resumida, estes valores se apresentam nestes aspectos:

- O incentivo à criação em coletivo de uma obra representativa, enquanto desenvolvimento de uma temática escolhida em consenso. O caráter representativo deve abranger a compreensão dos envolvidos e a apreensão do público.
- A divisão do trabalho em funções previamente estabelecidas, respeitando as características de cada sujeito e sua vontade de se posicionar, como criador em relação ao processo, a partir de um determinado lócus criativo.
- Permeabilidade criativa entre as funções, onde não somente é permitido que os

---

<sup>1</sup>Para maiores informações, visite: [www.teatrodaverdigem.com.br](http://www.teatrodaverdigem.com.br)

<sup>2</sup>Para maiores informações, visite: [www.companhiadolatao.com.br](http://www.companhiadolatao.com.br)

integrantes opinem e proponham sobre qualquer aspecto da criação, como é incentivado e requerido tal comportamento.

- A não existência de hierarquia entre as funções. O que acontece é a flutuação entre os polos de importância durante o processo de criação. Em cada etapa do processo há a elevação de uma função (encenação, dramaturgia ou atuação) ao patamar de foco de ação temporário.

A compreensão de obra teatral, no processo colaborativo, engloba todo o panorama da criação. Desde o momento em que o coletivo decide qual tema será desenvolvido, até o seu compartilhamento com o público em forma espetacular. A obra deixa de ter a condição de produto a ser alcançado, de natureza independente daqueles que o realizam. O dramaturgo Luís Alberto de Abreu, um dos primeiros a formalizar conceitos sobre a expressão, ressalta o caráter formativo do processo colaborativo.

É um processo de formação do artista. Mais do que um processo de construção, tão somente, de uma peça de teatro, isso seria ridículo, isso é funcionalista. Estou criando um produto? Não. Eu estou em processo de formação. Eu como dramaturgo, o ator como ator, o diretor como diretor, percebe? Tem que ser um processo de formação. Não é um processo de construção de um espetáculo, não é um produto. Porque eu aprendo, eu quero aprender.<sup>3</sup>

O processo colaborativo possui um aspecto experimental por natureza. A apreensão do tema de forma teatral exige o mergulho da tentativa, o refazer da cena, em sua precariedade de elementos constitutivos, até se esgotar antes o coletivo criador, pois as possibilidades de formalização, como se sabe, são infinitas. Esta qualidade ajuda os sujeitos a compreender a complexidade de vieses que constituem um evento teatral, assim como introjetar procedimentos de criação que poderão ser acessados em futuros processos. No ato da repetição, aprimora-se a capacidade de criar. No caso específico do processo colaborativo aprimora-se também a relação dos artistas com instâncias de criação que não são de sua responsabilidade, prioritariamente. Logo, a participação em todas as instâncias criativas favorece o aprendizado do essencial sobre cada função, como relata o diretor Antônio Araújo.

Pensando no processo colaborativo, o fato de eu ter tido muitas experiências, não só experiências práticas, artísticas, mas também de fazer cursos ligados à área de interpretação e cursos ligados à área de dramaturgia, eu sinto que isso me dá um certo conhecimento, não para escrever ou para atuar, são coisas que eu não tenho o interesse, mas me dá, digamos, material para esse diálogo com o dramaturgo e para esse diálogo com o ator. O fato de ter trabalhado com dramaturgia, ter escrito texto, ter feito curso de dramaturgia e o fato de ter trabalhado como ator, ter feito cursos como ator, acho que isso me dá elementos para esse diálogo. (...) Dentro de um grupo em processo colaborativo, o fato de ter passado por outras áreas, ter conhecido essas outras áreas, isto me dá instrumental para o diálogo, não para fazer pelo outro. Porque de alguma forma eu estou

---

<sup>3</sup>Luís Alberto de Abreu em entrevista concedida ao autor em 13.10.2009.

sensibilizado para aquela área. Aquela área não é desconhecida para mim. Não que eu vá resolver o problema daquela área, não que eu vá assumir aquela área.<sup>4</sup>

Ao que se refere, especificamente, à dramaturgia, o processo colaborativo resgatou para a cena a figura do dramaturgo, exigindo, em troca, uma postura nova e participativa. O dramaturgo, nesse modo de trabalho, precisa de um olhar mais amplo para o significado contemporâneo de dramaturgia, atualizando, assim, sua prática, sem perder de vista noções essenciais da atribuição de seu papel. O encastelamento criativo marcou por muito tempo a prática do dramaturgo. Por outro lado, a dramaturgia originada em sala de ensaio não deixa de estabelecer, também, uma renovação da literatura dramática.

Por mais que, às vezes, haja esquecimento ou desconsideração em relação a este fato, o processo colaborativo estimula ativamente a escritura de peças. Nesse sentido, ele poderia estar inserido no que vem sendo chamado de “nova dramaturgia”, pois, além de funcionar como uma estratégia de criação textual, ele, de fato, produz novas peças e revela à cena novos dramaturgos (ARAÚJO, 2008: 66).

Vale salientar aqui a diferença fundamental entre escritura dramática e escritura cênica. A primeira, apesar de conter orientações para a cena, trata-se de um trabalho literário, de um modelo linguístico, enquanto a segunda leva em conta toda a possibilidade de expressão da cena, já experimentada durante os ensaios, em um processo de erros e acertos, invertendo assim a ordem clássica do autor. O texto dramático é fruto da cena e não o oposto (PAVIS, 1999). Cabe ao dramaturgo empreender a organização das ações, a partir de todo o material criado durante os ensaios. Ao final, a organização desse material forja uma literatura dramática potente e experimentada, fruto de escolhas realizadas a partir de experimentações cênicas vivas.

O processo colaborativo, como modelo de criação em grupo, conduz ao aparecimento de uma outra cena e literatura, em que o texto é visto como um instrumento do espetáculo, criado a partir e em função da cena (FISCHER, 2003: 160).

Ao dramaturgo, chamado para sala de ensaio, se pede a capacidade de lidar com a proficuidade de material que é arregimentado pelas outras funções. O ato de escrever e reescrever uma cena impele o dramaturgo ao exercício que o leva para além do conceito de inspiração. É preciso ordenar os muitos estímulos, de forma a não se perder no subjetivismo que tenta conciliar as diversas visões de um mesmo assunto. Ou seja, é preciso trabalhar em coletivo, quando na exploração do tema, e trabalhar para o coletivo, quando se precisa determinar aspectos importantes de um espetáculo.

Os caminhos procedimentais usados pelo dramaturgo para estabelecer seu trabalho, quando reconhecidos e reutilizados, podem sedimentar um estofo criativo de

---

<sup>4</sup>Antônio Araújo em entrevista concedida ao autor em 21.9.2009.

extrema importância no que diz respeito à sua formação. Abreu aponta diferenças importantes entre o dramaturgo de gabinete e o dramaturgo no processo colaborativo.

(...) no processo colaborativo, existem outros exercícios que o dramaturgo tem que estar pronto a fazer. Um deles é saber que ele é criador do espetáculo, e não apenas criador de um texto que vai permanecer - como muitas vezes imagina ou faz o dramaturgo de gabinete. O dramaturgo no processo colaborativo está construindo um espetáculo. Para ele é importante a cena, não a cena enquanto escrita, a cena enquanto espetáculo (NICOLETE, 2004: 145).

Luís Alberto de Abreu, Sérgio de Carvalho, Newton Moreno, Fernando Bonassi são dramaturgos que, ao trabalhar em processo colaborativo, desenvolvem procedimentos criativos que podem vir a ser material pedagógico na formação de novos dramaturgos, que são chamados a participar da criação em sala de ensaio. Ou seja, novas atribuições são requisitadas aos dramaturgos, sem que estes percam as atribuições essenciais da função exercida.

Quanto a isso é preciso ter clareza que um bom texto do ponto de vista literário – nem sempre o critério mais importante – não pode ser produzido inteiramente no calor da sala de ensaio, ainda que o material para um bom texto o possa (CARVALHO, 2009: 68-69).

O trabalho se divide em dois momentos de criação. Em um há a presença do dramaturgo em sala de ensaio e em outro se pede a realização de uma criação mais solitária, para o melhor aproveitamento do material, como bem afirma, na citação acima, o dramaturgo Sérgio de Carvalho.

Em minha pesquisa de mestrado, tenho percebido a importância pedagógica de se conhecer os procedimentos levantados pelos dramaturgos citados, tendo em vista favorecer a difusão deste material de grande valor formativo, fortalecendo possíveis práticas futuras de novos dramaturgos chamados a atuar em processo colaborativo, ou mesmo em outros modos de criação em teatro.

Finalizo este texto com uma citação de Luís Alberto de Abreu, que trata do caráter plural do processo colaborativo, onde reside a busca por uma obra teatral representativa para os envolvidos na criação e para o público, e, este caráter fomenta a formação artística do que o empreende.

O processo colaborativo tem se revelado altamente eficiente na busca de um espetáculo que represente as vozes, ideias e desejos de todos que o constroem. Sem hierarquias desnecessárias, preservando a individualidade artística dos participantes, aprofundando a experiência de cada um (...) (ABREU, 2003: 41).

## Bibliografia

ABREU, Luís Alberto de. **Processo colaborativo: relato e reflexão sobre uma**

**experiência de criação.** Cadernos da Escola Livre de Teatro. Santo André, v. 1, n. 0, 2003.

ARAÚJO, Antônio. **A encenação no coletivo: desterritorializações da função do diretor no processo colaborativo.** Tese de Doutorado em Artes Cênicas. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

CARVALHO, Sérgio de. **Introdução ao teatro dialético: experimentos da Companhia do Latão.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FISCHER, Stela. **Processo colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras dos anos 90.** Dissertação de Mestrado em Artes. Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

NICOLETE, Adelia Maria. **Luís Alberto de Abreu: até a última sílaba.** Coleção aplauso - Série teatro Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo / Cultura, 2004.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1999.